



Ambiguidades de escopo com *muitas vezes* e adjuntos frequentativos afins

Scope ambiguities with *muitas vezes* 'often' and similar frequency adjuncts

Telmo MÓIA*

RESUMO: Neste trabalho, discute-se a interação entre adjuntos frequentativos vagos do tipo de *muitas vezes* e adjuntos de localização temporal, de tipo oracional ou não oracional, como *quando o Pedro está em Paris* ou *aos domingos*, em construções do tipo de *quando está em Paris, o Pedro vai muitas vezes ao Louvre* ou *aos domingos, o Pedro vai muitas vezes à missa*. A primeira frase, cuja contrapartida francesa (com *souvent*) é discutida na literatura, é ambígua entre uma leitura de escopo largo do adjunto frequentativo sobre o adjunto de localização temporal ("muitas vezes, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre") e uma leitura de escopo estreito ("sempre que está em Paris, o Pedro vai ao Louvre muitas vezes"). O mesmo acontece, *mutatis mutandis*, com a segunda frase. As interações entre os dois tipos de adjuntos e o surgimento ou não de ambiguidades de escopo entre eles dependem de diversos fatores gramaticais, que serão discutidos com algum pormenor. Destacam-se restrições semântico-pragmáticas, envolvendo as proposições conectadas e/ou os intervalos referidos, e restrições sintáticas, envolvendo essencialmente a posição pós-verbal ou pré-verbal do adjunto frequentativo. É ainda evidenciado que os subtipos específicos dos adjuntos frequentativos, por um lado, e os subtipos específicos dos adjuntos de localização, por outro, são fatores determinantes. Assim, por exemplo, adjuntos frequentativos como *muitas vezes* ou *por vezes* associam-se frequentemente a ambiguidades de escopo, mas adjuntos como *poucas vezes* ou *muito* adverbial (como em *o Pedro vai muito ao Louvre*) não; adjuntos de localização com *quando X*, *depois dos N'* ou *aos N'* associam-se frequentemente a ambiguidades de escopo, mas adjuntos como *depois de todos os N'* ou *todos os N'* não¹. Ao longo do trabalho, são considerados dados ilustrativos de corpora de texto jornalístico português, nomeadamente o CETEMPúblico, sendo o português europeu a variedade centralmente considerada.

PALAVRAS-CHAVE: Adjuntos temporais. Frequência. Quantificação. Ambiguidade. Escopo.

ABSTRACT: This paper discusses the interaction between vague frequency adjuncts like *muitas vezes* 'often' and sentential and non-sentential temporal location adjuncts like *quando o Pedro está em Paris* 'when Peter is in Paris' or *aos domingos* 'on Sundays', in constructions like *quando está em Paris, o Pedro vai muitas vezes ao Louvre* 'when he is in Paris, Pedro {often goes to

* Doutor em Letras. Professor da Universidade de Lisboa – Portugal. tmoia@letras.ulisboa.pt

¹ Aqui, e doravante, «N'» representa a parte do sintagma nominal que se segue a eventuais determinantes ou quantificadores, constituída pelo núcleo nominal e, se os houver, complementos e modificadores.

the Louvre / goes to the Louvre many times} or *aos domingos, o Pedro vai muitas vezes à missa* ‘on Sundays, Peter {often goes to mass / goes to mass many times}. The first sentence, whose French counterpart (with *souvent*) is discussed in the literature, is ambiguous between a wide scope reading of the frequency adjunct over the temporal locating adjunct (‘often, when he is in Paris, Peter goes to the Louvre’) and a narrow scope reading (‘whenever he is in Paris, Peter goes to the Louvre many times’). The same happens, *mutatis mutandis*, with the second sentence. The interactions between the two types of adjuncts, and whether or not scope ambiguities between them arise, depend on various grammatical factors, which will be discussed in some detail. These include both semantic-pragmatic restrictions, involving the connected propositions and/or the mentioned time intervals, and syntactic restrictions, essentially involving the post-verbal or pre-verbal position of the frequency adjunct. It is also pointed out that the specific subtype of the frequency adjunct, on the one hand, and the specific subtype of the locating adjunct, on the other hand, are key factors to take into account. Thus, for example, frequency adjuncts like *muitas vezes* ‘often’ or *por vezes* ‘sometimes’ are often associated with scope ambiguities, whereas adjuncts like *poucas vezes* ‘seldom’ or adverbial *muito* ‘a lot’ (as in *o Pedro vai muito ao Louvre* ‘Pedro goes to the Louvre a lot’) are not; temporal locating adjuncts like *quando* ‘when’ X, *depois dos* ‘after the’ N’ or *aos* ‘on’ N’ are often associated with scope ambiguities, whereas adjuncts like *depois de todos os* ‘after every’ N’ or *todos os* ‘every’ N’ are not. Data from corpora of Portuguese newspaper texts, namely CETEMPúblico, is provided throughout the paper, for illustration. European Portuguese is the language variety that is centrally considered.

KEYWORDS: Time adjuncts. Frequency. Quantification. Ambiguity. Scope.

Artigo recebido em: 09.12.2024

Artigo aprovado em: 15.05.2025

1 Introdução

Diversos autores, em especial Swart (1993) e Doetjes (2007), têm salientado que frases com adjuntos frequentativos vagos do tipo de *souvent* (**muitas vezes**) e orações subordinadas com conectores como *quand* (**quando**) são por vezes ambíguas entre o que designam uma “leitura relacional” e uma “leitura não relacional”. Veja-se o exemplo francês em (1a) e a sua versão portuguesa em (1b), seguidos de paráfrases das duas leituras em causa:

- (1) a. *Quand il est à Paris, Pierre va souvent au Louvre.*
(Doetjes, 2007, p. 705)
- b. **Quando** está em Paris, o Pedro vai **muitas vezes** ao Louvre.

- Leitura relacional: “Muitas vezes, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre.”
- Leitura não relacional: “Sempre que está em Paris, o Pedro vai ao Louvre muitas vezes.”

Na literatura, são destacadas construções como (1), com valor genérico ou habitual sinalizado por tempos verbais de sobreposição, como o presente (**está, vai**) ou o pretérito imperfeito (**estava, ia**). Porém, Swart (1993, p. 283) e Doetjes (2007, p. 706-707) referem a possibilidade de se obterem leituras relacionais também com o **passé simple**. Creio que, em português, a ambiguidade que estamos a considerar pode surgir igualmente em predicções com tempos de anterioridade, como o pretérito perfeito simples do indicativo (**esteve, pediu**), em (2), embora a leitura relacional com este tipo de tempos verbais pareça ser muito menos comum:

- (2) No passado, **quando** esteve desempregado, o Pedro pediu **muitas vezes** ajuda aos pais.

- Leitura relacional: “no passado, em muitos dos períodos em que esteve desempregado (possivelmente não em todos), o Pedro pediu ajuda aos pais”.
- Leitura não relacional: “no passado, em cada um dos períodos em que esteve desempregado, o Pedro pediu ajuda aos pais muitas vezes”.

Neste trabalho, pretende-se avaliar quais os fatores gramaticais – sintáticos, semânticos e pragmáticos – que potenciam este tipo de ambiguidades, em português². Após uma breve caracterização técnica da ambiguidade, na secção 2, com recurso à linguagem lógica da *Discourse Representation Theory* (cf. Kamp; Reyle, 1993), serão

² É possível que questões prosódicas (com possível reflexo escrito, na pontuação) também interfiram por vezes na escolha das leituras preferenciais e/ou na desambiguação, mas este fator não será aqui explorado. Cf. observação na nota 9.

destacados, em secções autónomas, os diferentes aspetos gramaticais a que importa atender, nomeadamente:

- (i) as expressões predicativas que ocorrem nas frases; como veremos, por razões estritamente semânticas ou semântico-pragmáticas, uma das leituras pode não emergir nas mesmas configurações morfosintáticas em que emerge com expressões do tipo ilustrado acima (**estar em Paris/ir ao Louvre ou estar desempregado/pedir ajuda aos pais**); esta questão será discutida na secção 3;
- (ii) a posição sintática do adjunto frequentativo vago; como veremos, a ambiguidade surge frequentemente quando o adjunto ocorre em posição pós-verbal na oração principal (**vai/pediu muitas vezes**), como nos exemplos considerados até aqui, mas não surge geralmente quando o quantificador ocupa outras posições (e.g. **muitas vezes vai/pediu**); esta questão será discutida na secção 4;
- (iii) o tipo de adjuntos temporais usado; como vimos, a ambiguidade surge em estruturas complexas que integram orações com **quando** e pode surgir com outros adjuntos temporais, incluindo não frásicos (como **aos domingos**), mas há restrições a considerar; esta questão será discutida na secção 5;
- (iv) o tipo de adjuntos frequentativos usado; a ambiguidade surge associada a expressões vagas que sinalizam frequência elevada cardinal, como **muitas vezes, frequentemente e com frequência**, mas não surge com todas as expressões de valor frequentativo (nomeadamente, com as que sinalizam valor universal, e.g. **sempre**, ou frequência elevada proporcional, e.g. **normalmente, a maior parte das vezes**), tal como não surge com quantificadores de contagem de situações não vagos (por vezes chamados adjuntos de simples iteração), como **três vezes**; esta questão – porventura a mais complexa – será discutida na secção 6.

Na descrição, são considerados dados ilustrativos de *corpora* de texto jornalístico português, em especial o CETEMPúblico (*corpus* com cerca de 195 milhões de palavras). O objetivo é dar uma visão do comportamento das expressões frequentativas em português, centrado nas ambiguidades de escopo referidas, e com algumas informações sobre frequência das construções, que penso estar em falta na literatura. Neste trabalho, considera-se centralmente o português europeu, mas não parece haver diferenças relevantes, no que respeita às questões em apreço, entre a variedade europeia e a variedade brasileira da língua. Esta conclusão baseia-se na observação de *corpora* brasileiros da Linguateca (<http://www.linguateca.pt/ACDC/>), nomeadamente o NILC/São Carlos e o Corpus Brasileiro – cf. e.g. nota 14 ou o exemplo (68) adiante.

2 Ambiguidades de escopo em frases com *muitas vezes* e *quando* – análise formal na *Discourse Representation Theory*

Consideremos com mais pormenor a ambiguidade ilustrada na frase (1b), **quando está em Paris, o Pedro vai muitas vezes ao Louvre**. Em frases deste tipo, a aposição de certas expressões a **muitas vezes** permite destringer claramente as leituras, desambiguando: por exemplo, a adição de (**ainda que**) **nem sempre** remete apenas para a leitura relacional e a adição de **pelo menos n ou n' vezes** (com **n** a representar um numeral cardinal) remete apenas para a leitura não relacional. Veja-se:

- (3) Quando está em Paris, o Pedro vai **muitas vezes** – (**ainda que**) **nem sempre** – ao Louvre.
- (4) Quando está em Paris, o Pedro vai **muitas vezes** – **pelos menos duas ou três** – ao Louvre.

Os termos leitura relacional e leitura não relacional, se aplicados às frases³, não são os mais perspicuos para distinguir as interpretações, já que as frases representam sempre, em qualquer dos casos, uma relação de dependência entre as situações descritas na oração subordinada (ev_s) – neste caso, estadas do Pedro em Paris – e na chamada oração principal (ev_p) – neste caso, idas do Pedro ao Louvre⁴. Ou seja, num certo sentido, ambas as leituras são “relacionais”. A questão é essencialmente de escopo – ou não – do adjunto frequentativo vago (**muitas vezes**) sobre a oração subordinada temporal com **quando** (como reconhecem, aliás, Swart, 1993, e Doetjes, 2007). Assim, creio que são mais perspícuas as designações, que passarei a utilizar, de “leitura de escopo largo” e “leitura de escopo estreito”, respetivamente, de adjuntos frequentativos vagos em frases complexas com adjuntos temporais com **quando** e afins.

Consideremos as diferenças entre as duas leituras da frase (1b) e a sua representação na linguagem lógica de *Discourse Representation Theory* (DRT) – conforme Kamp e Reyle (1993). Na chamada leitura relacional, a relação entre as situações descritas (na encaixada e na principal) é sinalizada diretamente pelo adjunto **muitas vezes** encaixado na oração principal, o qual tem **escopo largo** (doravante sinalizado com “↑” nos exemplos ilustrativos) sobre toda a proposição complexa: “**muitas vezes**, quando se verifica ev_s verifica-se ev_p ”. Esta leitura coloca interessantes questões de composicionalidade, já que o escopo do adjunto frequentativo sobre toda a proposição complexa se verifica apesar da sua posição relativamente encaixada, em posição pós-verbal (entre o verbo e o seu complemento, nos exemplos dados), dentro da oração principal. Aliás, esta leitura pode justamente ser evidenciada colocando **muitas vezes** em posição inicial na oração principal, como em (5), ou no início de toda a estrutura

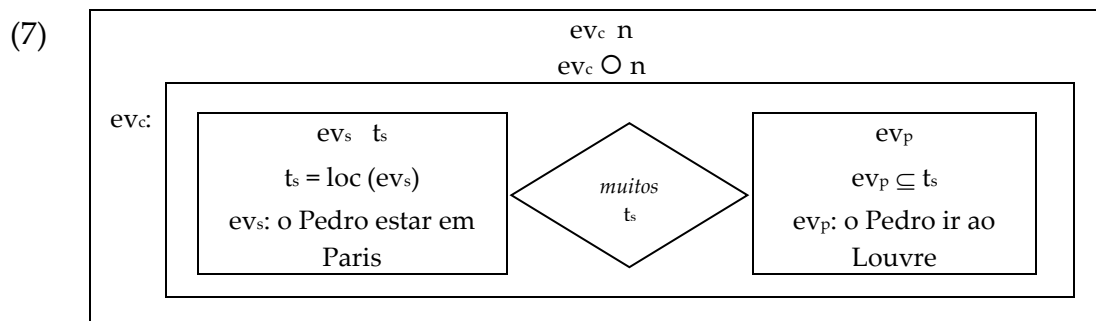
³ Se aplicados aos adjuntos frequentativos (**muitas vezes** e afins), os termos são mais justificados. Swart (1993, p. 24), fala, por exemplo, em “relational and non-relational interpretations of *Q-adverbs*”.

⁴ Usarei doravante *ev* para representar, na linguagem lógica na *Discourse Representation Theory*, entidades de tipo situacional, isto é, situações de qualquer tipo de *Aktionsart* (estativas ou eventivas), e *EV* (com maiúsculas) para representar somatórios dessas entidades – cf. ainda notas 5 e 6 adiante.

complexa, como em (6), situações em que o adjunto tem sempre escopo largo (a dita “leitura relacional”):

- (5) Quando está em Paris, [muitas vezes]_↑ o Pedro vai ao Louvre.
 (6) [Muitas vezes]_↑, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre.

Uma representação simplificada desta leitura da frase (1b) na linguagem da DRT poderia ser a seguinte (onde ev_c representa a situação complexa, de tipo genérico ou habitual, de as duas situações – estadas do Paulo em Paris e idas suas ao Louvre – estarem relacionadas)⁵:



Como se pode verificar, nesta leitura, a oração com **quando** é um genuíno adjunto de localização temporal simples, identificando uma situação (ev_s), e

⁵ Nesta representação, uso uma condição tripartida (“duplex condition”) – cf. Kamp e Reyle (1993, p. 142-144) –, comumente usada na literatura para representar o tipo de dependência em causa. O contributo da oração subordinada com **quando** é representado no restritor e o contributo da oração principal é representado no escopo nuclear (cf. e.g. Lewis 1975); por facilidade, a quantificação é feita, nesta representação, sobre os intervalos (únicos) associados via *loc* (cf. Kamp; Reyle, 1993, p. 671) à situação descrita na subordinada (t_s), em vez de diretamente sobre essa situação (ev_s). Como já foi dito, uso *ev* para representar situações de qualquer tipo aspetual (isto é, como uma representação comum a *e* e *s* na linguagem da DRT). O referente discursivo ev_s representa aqui uma situação estativa (o Pedro estar em Paris); neste caso, deve ser considerada a quantificação sobre cada estado completo, ou instância máxima do estado (s^{\max}), do seu início até ao seu final, para tornar claro que a quantificação (expressa na forma dentro do losango) não afeta subpartes desse estado que também se qualificam como *s* (devido à homogeneidade total dos estados). Se em vez de se usar **muitas vezes** se usar **frequentemente** ou **com frequência**, a representação lógica poderá ser essencialmente a mesma.

indiretamente um intervalo (t_s), que devido a estar sob escopo de **muitas vezes**, se assume repetir-se; o intervalo quantificado em causa funciona como intervalo de localização das situações descritas na oração principal, isto é, as situações relevantes (o Pedro ir ao Louvre, aqui) ocorrem dentro do intervalo estabelecido pela oração com **quando** ($[ev_p \subseteq t_s]$).

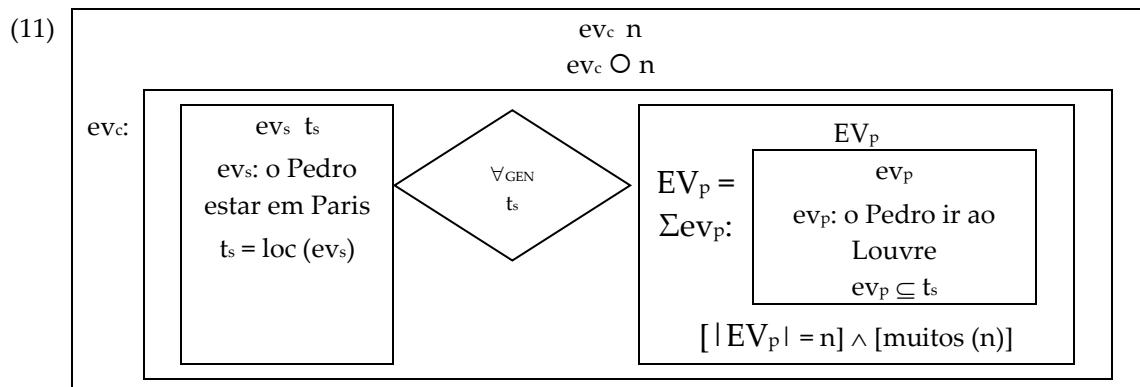
Já na chamada leitura não relacional, o adjunto **muitas vezes** encaixado na oração principal tem **escopo estreito** (doravante sinalizado com “↓” nos exemplos ilustrativos), afetando apenas o conteúdo da oração principal – “ ev_p repete-se muitas vezes para cada ocorrência de ev_s ”. Nesta leitura, **quando** tem um valor semântico completamente diferente: encabeça uma expressão ela própria sinalizadora de correlação entre situações, tendo um valor universal afim do de **sempre que** (cf. *whenever*, em inglês) ou **todas as vezes que**, podendo aliás ser parafraseado por estes conectores ou expressões quantificadas:

- (8) {**Sempre que / Todas as vezes que**} está em Paris, o Pedro vai
[muitas vezes]↓ ao Louvre.

A leitura de escopo estreito de **muitas vezes** pode ser evidenciada adicionando um outro adjunto frequentativo, como **sempre** ou **normalmente**; dado que estas últimas formas têm sempre escopo largo sobre toda a proposição complexa, fica apenas a interpretação de escopo estreito para **muitas vezes** (de outro modo, haveria incoerência):

- (9) Quando está em Paris, o Pedro vai [**sempre/normalmente**]↑
[muitas vezes]↓ ao Louvre.
- (10) [**Normalmente**]↑, quando está em Paris, o Pedro vai [muitas vezes]↓
ao Louvre.

Uma representação simplificada desta leitura da frase (1b) na linguagem da DRT poderia ser a seguinte (onde EV_p representa o somatório de situações do tipo descrito na oração principal que ocorrem dentro de cada intervalo associado à oração subordinada $[t_s]$, isto é, o somatório de idas do Pedro ao Louvre em cada uma das suas estadas na cidade)⁶:



Como já foi referido, neste trabalho, pretende-se avaliar quais os fatores gramaticais que potenciam a ambiguidade em português (com especial destaque para os que legitimam a leitura de escopo largo do adjunto frequentativo, quando ele ocorre em posições mais encaixadas, pós-verbais, na oração principal). Vejamos estes fatores agora, um a um.

⁶ Por facilidade, uso aqui uma representação com uma condição tripartida e um quantificador universal genérico (\forall_{GEN}), para acautelar a possibilidade de exceções que este tipo de predicação genérica normalmente admite. Como na leitura relacional, o contributo da oração subordinada com *quando* é representado no restritor e o contributo da oração principal é representado no escopo nuclear. Uso ainda abstração sobre situações, criando um somatório (cf. Kamp; Reyle, 1993, p. 309-310; Móia, 2000, p. 296ss.). A condição expressa por **muitas vezes** – parafraseável por " EV_p contém muitos ev_p " – é aqui representada de forma simplificada: $[|EV_p| = n] \wedge [muitos (n)]$, significando que n é superior a um valor contextualmente determinado, entendido como elevado ("muitos"). Para expressões como **frequentemente** com escopo estreito, a condição aplicável pode ser parafraseada por "cada EV_p contém repetições frequentes de ev_p (ao longo de t_s)" (que não tentarei formalizar na linguagem da DRT).

3 Restrições semântico-pragmáticas ao escopo de adjuntos frequentativos do tipo de *muitas vezes*

Cada uma das duas leituras em análise impõe restrições semântico-pragmáticas próprias. Uma das mais evidentes é a **repetibilidade das situações descritas**. Na leitura de escopo largo de **muitas vezes** e adjuntos afins, ambas as situações têm de ser repetíveis, por razões evidentes; na leitura de escopo estreito, a situação descrita na oração principal também tem obviamente de ser repetível, mas a oração com **quando** pode representar uma situação não repetida, a que se associa um somatório de eventos num intervalo único, como em (12)-(13)⁷. Este caso distingue-se dos que vimos até aqui, porque a oração com **quando** tem sempre, necessariamente, escopo largo.

(12) **Quando esteve em Paris o ano passado**, o Pedro foi [muitas vezes]↓
ao Louvre.

(13) **Quando era jovem**, o Pedro ia [muitas vezes]↓ ao Louvre.

Outra restrição relevante é a **extensão dos intervalos** envolvidos, nomeadamente do intervalo associado à oração subordinada com *quando* (t_s). Na leitura de escopo largo de **muitas vezes** e afins, não há restrições à extensão desse intervalo, podendo ser referidos inclusivamente eventos pontuais na subordinada; já na leitura de escopo estreito, há fortes restrições, nomeadamente: o intervalo de cada situação do tipo identificado na subordinada tem de ser suficientemente extenso para integrar a repetição relevante da situação descrita na principal. Assim, a frase (14), por

⁷ Swart (1993: p. 62-67) e Doetjes (2007, p. 708ss.), remetendo para Kratzer (1989), destacam que a obtenção de leituras relacionais depende do tipo de predicados utilizados. Em particular, predicados que identificam situações irrepetíveis, sobre as quais não se pode quantificar, incluindo “once-only predicates” e “individual level predicates”, bloqueiam a leitura relacional – cf. e.g. *when Marie built the house of Jacques, she (*always) built it well* (Swart, 1993, p. 63); **when Mary knows French, she (often) knows it well* (Doetjes, 2007, p. 710).

exemplo, só pode ter leitura de escopo largo de **muitas vezes**, porque no intervalo (posterior próximo) associado a começar a chover não cabem muitas idas a um centro comercial. Já a frase (15) permanece ambígua, apesar da pontualidade da frase subordinada, porque leituras repetidas de um e-mail podem ocorrer no intervalo posterior próximo da sua escrita⁸.

- (14) **Quando começa a chover**, o Pedro vai [muitas vezes][↑] ao centro comercial. É um sítio abrigado onde pode fazer todas as suas compras.
- (15) **Quando acaba de escrever um email importante**, o Pedro relê-o [muitas vezes]^{↑/↓} com cuidado.

Embora a ambiguidade possa surgir associada a situações pontuais na encaixada, como acontece em (15), são as situações não pontuais – estados, processos ou processos culminados, como em (16), (17) e (18), respetivamente – que mais favorecem a ambiguidade, por envolverem intervalos potencialmente extensos suscetíveis de conterem as repetições relevantes implicadas na leitura de escopo estreito:

- (16) **Quando está com dor de cabeça**, o Pedro mede [muitas vezes]^{↑/↓} a febre.
- (17) **Quando corre**, este atleta bebe [muitas vezes]^{↑/↓} água com Isostar.
- (18) **Quando faz o relatório de contas anual da empresa**, o Pedro consulta [muitas vezes]^{↑/↓} o presidente.

⁸ Note-se que, nos exemplos que considerámos até (13), há estrita sobreposição das situações relevantes (e.g. estadas do Pedro em Paris e idas dele ao Louvre), mas, dependendo do conteúdo predicativo (e dos valores de *Aktionsart*), as situações podem estar numa relação de posterioridade próxima ou de anterioridade próxima, como acontece em (14) e (15), respetivamente, em consonância com as relações temporais de amplo espectro admitidas por **quando** (cf. e.g. Hinrichs, 1986 ou Moens, 1987): (i) Quando vai a Paris, o Pedro imprime [muitas vezes]^{↑/↓} o bilhete de avião. [ANTERIORIDADE]; (ii) Quando regressa de uma viagem longa, o Pedro telefona [muitas vezes]^{↑/↓} aos pais. [POSTERIORIDADE].

É essencialmente uma questão pragmática, condicionada pelo conhecimento do mundo acerca da plausibilidade das repetições frequentes de uma ação num dado intervalo. Compare-se, por exemplo, (16), acima, com (19), abaixo, que têm a mesma oração subordinada estativa (**quando está com dor de cabeça**), mas diferem nas leituras possíveis, já que em (19) a leitura de escopo estreito não emerge por óbvias razões de insuficiência de tempo para as repetições em causa:

- (19) **Quando está com dor de cabeça**, o Pedro vai [muitas vezes][↑] ao jardim botânico. A contemplação da natureza ajuda-o a relaxar.

Pode ainda acontecer que a questão não seja meramente de insuficiência de tempo, mas de mera plausibilidade da repetição, dado o conhecimento do mundo. No exemplo abaixo, emerge apenas naturalmente a leitura de escopo largo, já que não é normal que uma pessoa repita a frase “é o costume” muitas vezes para pedir um mesmo pequeno-almoço:

- (20) **Quando está no café ao lado de sua casa**, o Pedro pede [muitas vezes][↑] o pequeno-almoço dizendo “é o costume”.

4 Restrições sintáticas ao escopo de adjuntos frequentativos do tipo de *muitas vezes*

4.1 A posição sintática dos adjuntos frequentativos como fator condicionante da ambiguidade

Como já foi referido, a ambiguidade de escopo que estamos a considerar só surge com adjuntos frequentativos vagos do tipo de **muitas vezes** em posição pós-verbal dentro da oração principal. Essa posição é, por norma, imediatamente pós-verbal (isto é, precedendo eventuais complementos verbais, como **ao Louvre**), como

em (1b), repetido em (21), mas também pode ser pós-complementos verbais, como em (22)⁹.

(21) Quando está em Paris, o Pedro **vai** [muitas vezes]_{↑↓} **ao Louvre**.

(22) Quando está em Paris, o Pedro **vai ao Louvre** [muitas vezes]_{↑↓}.

O facto de um frase como (22) permitir continuações quer como a de (23a), evidenciando a leitura de escopo largo, quer como a de (23b), evidenciando a leitura de escopo estreito, comprova que a ambiguidade é compatível com a posição do adjunto frequentativo no final de todo o SV¹⁰.

(23) a. Quando está em Paris, o Pedro **vai ao Louvre** [muitas vezes]_↑,
mas nem sempre.

b. Quando está em Paris, o Pedro **vai ao Louvre** [muitas vezes]_↓,
no mínimo duas ou três.

⁹ A leitura de escopo largo pode ter uma prosódia distinta, com uma pausa maior (sinalizável por vírgulas), antes de **muitas vezes**.

¹⁰ Pesquisas no CETEMPúblico indicam que, globalmente, a posição pós-complementos é muito menos frequente que a posição imediatamente pós-verbal; nas pesquisas nesse *corpus* realizadas para este trabalho, surgem apenas 2 exemplos relevantes (com leitura de escopo largo de **muitas vezes**): “Quando pressionado, [Luís Pinto] perdeu **a bola** [muitas vezes]_↑.” (CETEMPúblico, ext104689-nd-96a-2); “Quando os filmes são bons, acontece **isto** [muitas vezes]_↑ – nunca acabam de estar feitos (...)” (CETEMPúblico, ext666198-clt-92b-1). Creio que, sendo tudo o resto igual, porventura a leitura de escopo largo prefere a posição pré-complementos verbais (**vai muitas vezes ao Louvre**) e a leitura de escopo estreito prefere a posição pós-complementos verbais (**vai ao Louvre muitas vezes**), mas a diferença é subtil e creio que ambas as leituras são possíveis com ambas as ordens de constituintes. Um parecerista anónimo, falante da variedade brasileira, não admite a leitura de escopo largo, na posição pós-complementos; na variedade europeia, de que sou falante, parecem-me plenamente gramaticais sequências como as seguintes (que, por razões pragmáticas, só admitem a leitura de escopo largo de **muitas vezes**): **quando tem aulas só de tarde, o Paulo almoça na cantina muitas vezes** (a par de **almoça muitas vezes na cantina e muitas vezes almoça na cantina**) ou **quando tenho um fim-de-semana livre, vou ao Algarve visitar os meus pais muitas vezes** (a par de **vou muitas vezes ao Algarve visitar os meus pais e muitas vezes vou ao Algarve visitar os meus pais**).

A posição da oração subordinada também revela alguma flexibilidade. Em vez de ocorrer no início da construção complexa, como nos exemplos vistos até aqui, pode ocorrer, por exemplo, interpolada entre o sujeito e o sintagma verbal da oração principal, como em (24), ou em posição final absoluta, como em (25).

(24) O Pedro, *quando está em Paris*, **vai** [muitas vezes]^{↑/↓} ao Louvre.

(25) O Pedro **vai** [muitas vezes]^{↑/↓} ao Louvre, **quando está em Paris**.

Quando o adjunto frequentativo vago surge (i) em posição pré-verbal dentro da oração principal, como em (26) (que repete (5), acima) e em (27) (onde está interpolado entre o sujeito e o verbo da oração), ou (ii) no início de toda a estrutura complexa (ou seja, fora da oração principal), como em (28) (que repete (6), acima), tem sempre escopo largo sobre a subordinada¹¹. Isto deve-se a que, em português, os adjuntos frequentativos do tipo de **muitas vezes** – tal como os quantificadores diretos sobre situações não vagos, do tipo de *n vezes* – ocorrem essencialmente em posição pós-verbal, a não ser que haja inversões estilísticas, muito marcadas – cf. **Elizabeth Taylor casou muitas/oito vezes vs. #Elizabeth Taylor muitas/oito vezes casou**¹².

(26) Quando está em Paris, [muitas vezes][↑] o Pedro **vai** ao Louvre.

(27) Quando está em Paris, o Pedro [muitas vezes][↑] **vai** ao Louvre.

(28) [Muitas vezes][↑], quando está em Paris, o Pedro **vai** ao Louvre.

¹¹ Swart (1993: 210) refere a possibilidade de usar *souvent* com escopo estreito em posição inicial, antes de uma oração introduzida por *quand*; o escopo estreito é evidente quando a oração subordinada refere situações não quantificáveis: *souvent, quand il était jeune, Paul se promenait au Luxembourg* (cf. (12)-(13) acima). Em português, esta ordem parece muito marcada e pouco natural para **muitas vezes**: **muitas vezes, quando eu era jovem, passeava neste jardim** (vs. e.g. **quando eu era jovem, passeava muitas vezes neste jardim** ou **eu passeava muitas vezes neste jardim, quando era jovem**). Nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico, esta ordenação de constituintes não ocorre, e ignorá-la-ei doravante.

¹² **Poucas vezes** (como aliás, **raramente**) parece aceitar melhor essa posição (distinguindo-se, assim, de **muitas vezes**): **a semana passada, o Pedro atrasou-se {poucas vezes / muitas vezes} vs. a semana passada, o Pedro {poucas vezes / #muitas vezes} se atrasou**.

A colocação do adjunto numa das posições ilustradas em (26)-(28) é, aliás, a alternativa mais simples nos contextos em que se quer garantir que não surja ambiguidade. Já as alternativas não ambíguas para a leitura de escopo estreito são por norma mais difíceis de encontrar, sem alterar significativamente a estrutura; uma alternativa, por vezes (mas nem sempre) viável, é a adição de apostos como os de (4) – **o Pedro, quando está em Paris, vai [muitas vezes]↓ – pelo menos duas ou três – ao Louvre**; outra alternativa é a adição de um adjunto de escopo largo (**sempre** ou **normalmente**), como em (9), de modo a que o escopo largo de **muitas vezes** seja bloqueado – **o Pedro, quando está em Paris, vai normalmente [muitas vezes]↓ ao Louvre**; uma terceira alternativa é o recurso a expressões não ambíguas, como **repetidas vezes** (ou **repetidamente**); esta alternativa também nem sempre é viável – por exemplo, a sequência **quando está em Paris, o Pedro vai repetidas vezes ao Louvre** não é porventura muito natural, mas a frase (29) admite com naturalidade esta alternativa não ambígua:

- (29) Quando discursa, o presidente refere [muitas vezes]↑↓ os seus antecessores.
- (30) Quando discursa, o presidente refere **repetidas vezes** os seus antecessores.
[alternativa não ambígua a (29), para a leitura de escopo estreito de **muitas vezes**]
- (31) Quando discursa, **muitas vezes**, o presidente refere os seus antecessores.
[alternativa não ambígua a (29), para a leitura de escopo largo de **muitas vezes**, usando a sintaxe de (26)]

4.2 Dados de corpora para três adjuntos sinalizadores de frequência elevada: *muitas vezes*, *frequentemente* e *com frequência*

Como curiosidade, para apreciar a frequência de uso das diferentes construções, incluindo as que estão genuinamente associadas a interpretações ambíguas, decidi realizar algumas pesquisas sistemáticas no CETEMPúblico para três adjuntos (de frequência elevada cardinal, contrapartidas de *souvent*): **muitas vezes**, **frequentemente** e **com frequência**. Pesquisei dois tipos de sequências ou combinações (lendo todos os resultados individualmente, de modo a considerar apenas os relevantes)¹³:

Query A. **quando** separado por até 12 palavras dos adjuntos frequentativos **muitas vezes**, **frequentemente** e **com frequência** (e.g. "[Qq]uando" [] {1,12} "muitas" "vezes"); deteta as estruturas com o adjunto pós-verbal na oração principal, possivelmente ambíguas (**quando está em Paris, o Pedro vai muitas vezes ao Louvre**), e ainda as estruturas com o adjunto pré-verbal na oração principal, sempre com escopo largo (**quando está em Paris, muitas vezes o Pedro vai ao Louvre**);

Query B. adjuntos frequentativos **muitas vezes**, **frequentemente** e **com frequência** separados por até 1 palavra de **quando** (e.g. "[Mm]uitas" "vezes" [] {0,1} "quando"); deteta as estruturas com o adjunto frequentativo pré-verbal no início da estrutura complexa, precedendo imediatamente a oração com *quando*, com escopo largo (**muitas vezes, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre**), e ainda algumas estruturas com a oração com *quando* em posição final (**o Pedro vai ao Louvre muitas vezes, quando está em Paris**).

Vejamos os resultados. As *queries* acima geram 85 resultados relevantes com os adjuntos frequentativos em posição pós-verbal (50 com **muitas vezes**; 35 com **frequentemente** ou **com frequência**). Em 76 deles (48 com **muitas vezes**; 28 com

¹³ Nas contagens referidas abaixo (e bem assim nas que são referidas na secção 6), foram ignoradas as construções do tipo ilustrado em (12)-(13), em que não há repetição das situações descritas na oração com **quando**.

frequentemente ou **com frequência**), o adjunto frequentativo tem – ou parece ter, na interpretação mais plausível – escopo largo, como em (32)-(33); só em 9 (2 com **muitas vezes**; 7 com **frequentemente** ou **com frequência**) tem – ou parece ter, na interpretação mais plausível – escopo estreito, como em (34)-(35).

- (32) “Quando um juiz julga um banalíssimo acidente de viação, **tem** [muitas vezes][↑] que determinar se o condutor conduzia com excessiva velocidade mediante provas técnicas [...].”
(CETEMPúblico, ext1330519-eco-94a-1)
- (33) “(...) quando são detidos, os arguidos **dão** [frequentemente][↑] identificações falsas às autoridades (...).”
(CETEMPúblico, ext1083633-soc-92a-2)
- (34) “Um sítio onde [as mulheres vítimas de violência doméstica] possam (...) passar uns dias sem os sobressaltos que as esperam no regresso ao lar. É que os homens portugueses quando batem, **batem** [muitas vezes][↓].” (CETEMPúblico, ext310682-soc-96a-1)
- (35) “(...) [Cavaco Silva poucas] vezes participa em debates televisivos e esquivava-se quase sempre a olhar nos olhos o seu interlocutor, e quando o faz **pisca os olhos** [frequentemente][↓] (...).”
(CETEMPúblico, ext910565-eco-93a-1)

Note-se que, em (32)-(33), **muitas vezes** e **frequentemente** têm inequivocamente escopo largo sobre a oração subordinada – veja-se a impossibilidade de adição de **sempre**: ***[um juiz] tem sempre muitas vezes que determinar, *os arguidos dão sempre frequentemente identificações falsas**. Porém, às vezes, as duas interpretações são possíveis, isto é, há genuína ambiguidade, ainda que uma das interpretações possa ser mais plausível no contexto. Dos 76 registos com leitura de escopo largo referidos acima, há ambivalência potencial em pelo menos 12, como

acontece em (36), onde aliás não é totalmente claro qual o sentido pretendido: “o autor aplica o adjetivo **mágico** muitas das vezes (mas possivelmente não todas) em que fala das suas obras” (escopo largo), ou “cada vez que fala das suas obras, o autor aplica o adjetivo **mágico** muitas vezes” (escopo estreito) – cf. possível adição de **normalmente**, ou substituição por **repetidas vezes**, na leitura de escopo estreito (**quando fala..., aplica {normalmente muitas vezes / repetidas vezes} o adjetivo mágico**).

- (36) “– Quando fala sobre as suas obras **aplica** [muitas vezes]^{↑/↓} o adjetivo mágico. Qual o alcance desta palavra no contexto da sua obra?” (CETEMPúblico, ext1343053-clt-98a-1)

As duas *queries* acima geram ainda 56 resultados relevantes (49 com **muitas vezes**; 7 com **frequentemente** ou **com frequência**) com os adjuntos frequentativos em posição pré-verbal (tanto dentro da oração principal, como em (37)-(38), como em posição inicial absoluta na estrutura complexa, como em (39)-(40)), caso em que apenas emerge a leitura de escopo largo.

- (37) “Quando as bombas caem, [muitas vezes][↑] **estamos** nos campos ou nas ruas.” (CETEMPúblico, ext1461791-pol-91b-1)
- (38) “Quando um médico descobre um nódulo suspeito, (...) [com frequência][↑] **toma** logo a decisão de enviar o doente a um cirurgião (...).” (CETEMPúblico, ext750925-nd-91b-2)
- (39) “(...) [muitas vezes][↑], quando se chega às casas, já a droga **foi deitada** pela pia abaixo (...).” (CETEMPúblico, ext1173924-clt-98a-4)
- (40) “[Frequentemente][↑], quando algo lhe é pedido, ele **diz**: «Bem, não podemos fazer isso, mas faremos isto...». ” (CETEMPúblico, ext166077-pol-95a-1)

Em suma, a análise dos dados de *corpora* relativamente aos três adjuntos em consideração permite as seguintes conclusões: (i) as construções ambíguas ocorrem apenas quando o adjunto frequentativo surge em posição pós-verbal na oração principal, mas mesmo nessa posição a leitura de escopo largo é bastante mais comum; (ii) no contexto mais alargado, é geralmente possível perceber qual a interpretação pretendida, mas em alguns casos isso não acontece, persistindo a incerteza quanto à interpretação; nestes casos, poderá ser útil recorrer a estratégias alternativas (algumas já referidas anteriormente) que evitem problemas de interpretação; (iii) o escopo largo do adjunto frequentativo é o que admite mais posições sintáticas, parecendo as diferentes realizações ocorrer em genuína variação livre, sem preferência muito marcada por uma delas; por exemplo, a *query* A gera 23 registos da construção com **muitas vezes** pré-verbal, em contraste com 40 registos da construção com **muitas vezes** pós-verbal e escopo largo, uma diferença de frequência que não parece particularmente significativa; (iv) o adjunto **muitas vezes** é duas vezes mais frequente do que **com frequência** ou *frequentemente*, nas construções complexas com **quando** em apreço (com 99 *vs.* 42 registos totais, respetivamente)¹⁴.

¹⁴ Pesquisas semelhantes em *corpora* brasileiros revelam exemplos dos vários tipos considerados, por exemplo: (i) adjunto frequentativo em posição pré-verbal com escopo largo – “**Quando** a tristeza normal se transforma em tristeza patológica, **muitas vezes** existe uma depressão.” (NILC/São Carlos, par=Mais-94b-1), “(...) **quando** as empresas tentam demitir trabalhadores, **frequentemente** enfrentam violentas greves irregulares.” (NILC/São Carlos, par=Mundo--94b-1); (ii) adjunto frequentativo em posição pós-verbal com leitura de escopo largo – “Além disso, **quando** adotamos algo de novo, estamos **muitas vezes** rejeitando alguma coisa em troca (...)” (Corpus Brasileiro); (iii) adjunto frequentativo em posição pós-verbal com leitura preferencial de escopo largo, mas ambiguidade potencial – “**Quando** ouço música, a minha imaginação compraz-se **muitas vezes** com o pensamento de que a vida de todos os homens e a minha própria vida não são mais do que sonhos (...)” (Corpus Brasileiro); (iv) adjunto frequentativo em posição pós-verbal com leitura de escopo estreito – “E, **quando** chegava a ocasião de ceder a fazenda, repetia o preço **muitas vezes**, gritando, e afinal batia o martelo com grande barulho (...)” (NILC/São Carlos, par=129094).

5 Diversidade de adjuntos temporais envolvidos em ambiguidades de escopo com adjuntos frequentativos do tipo de *muitas vezes*

O tipo de ambiguidade que temos estado a considerar não surge apenas com orações subordinadas com **quando**. Surge também com um elevado número de outros adjuntos temporais, quer outras orações subordinadas temporais (e.g. **depois de terminarem as aulas**), quer adjuntos não oracionais, tanto situacionais (e.g. **depois das aulas**) como estritamente temporais (e.g. **aos domingos, entre as 8 e as 9**):

- (41) {**Depois de terminarem as aulas / Depois das aulas / Aos domingos**},
o Pedro vai [muitas vezes]^{↑/↓} a casa da Ana.
- Leitura relacional: “{Depois de terminarem as aulas / Depois das aulas / Aos domingos}, muitas vezes (nem sempre), o Pedro vai a casa da Ana.”
 - Leitura não relacional: “{Depois de terminarem as aulas / Depois das aulas / Aos domingos}, o Pedro vai a casa da Ana repetidas vezes.”
- (42) **Entre as 8 e as 9**, o Pedro telefona [muitas vezes]^{↑/↓} à Ana.
- Leitura relacional: “Entre as 8 e as 9, muitas vezes (nem sempre), o Pedro telefona à Ana.”
 - Leitura não relacional: “Entre as 8 e as 9, o Pedro telefona à Ana repetidas vezes.”

Swart (1993) considera várias destas construções. Discute centralmente estruturas com orações subordinadas, com três conectores (*quand, après que e avant que*), mas dá também exemplos de “leituras relacionais” (ou de escopo largo dos adjuntos frequentativos) em frases com adjuntos não oracionais situacionais – *après* [_{SN} *sa promenade avec le chien*] *Pierre fume* [*toujours*][↑] *une cigarette* ‘após o(s) passeio(s) com o cão, o Pedro fuma sempre um cigarro’ (p. 171) – e com adjuntos estritamente temporais – [_{ADJ} *le soir*], *Anne tricote* [*toujours*][↑] *des chandails norvégiens* ‘à noite, a Ana tricota

sempre camisolas norueguesas’ (p. 19). Segundo ela, estas estruturas, que refere coletivamente como “quantified sentences introduced by a temporal connective”, têm em comum o facto de envolverem “clause-level relations”, em que “the two arguments of the quantifier are not determined by a focus structure within one proposition, but are given by complete propositions, or expressions of the same semantic type as propositions, such as phrasal time adverbials” (p. 20).

Os exemplos acima mostram que diferentes adjuntos temporais não oracionais, com valor de quantificação universal, podem estar associados ao tipo de ambiguidades de escopo em análise. Mas observa-se, curiosamente, que, se o valor de quantificação universal nesses adjuntos for explicitado por um quantificador universal como **todos** (não se associando meramente à presença de um determinante definido, por exemplo), a leitura de escopo largo de **muitas vezes** é bloqueada. Por outras palavras, **muitas vezes** não pode ter escopo sobre sintagmas quantificados universalmente com a forma **todos os N’** (que surgem sempre, portanto, em construções não ambíguas, de escopo estreito do adjunto frequentativo). Comparem-se os seguintes pares de frases, ambíguas em *a*, não ambíguas em *b*:

- (43) a. **Aos domingos**, o Pedro vai [muitas vezes]_{↑/↓} à missa.
b. **Todos os domingos**, o Pedro [vai muitas]_↓ vezes à missa.
- (44) a. **Durante as campanhas eleitorais**, o líder do partido desloca-se [muitas vezes]_{↑/↓} a esta região.
b. **Durante todas as campanhas eleitorais**, o líder do partido desloca-se [muitas vezes]_↓ a esta região.
- (45) a. **Depois das aulas de Matemática**, o Pedro telefona [muitas vezes]_{↑/↓} à Ana.
b. **Depois de todas as aulas de Matemática**, o Pedro telefona [muitas vezes]_↓ à Ana.

Seguem-se alguns exemplos do CETEMPúblico, com adjuntos temporais de diferentes tipos, potencialmente geradores de ambiguidade. Nos dois primeiros, há leitura preferencial de escopo estreito de **muitas vezes**; nos três seguintes, há leitura preferencial de escopo largo de **muitas vezes** (ainda que em (49) e em (50), ao contrário do que acontece em (48), a leitura de escopo estreito de **muitas vezes** não seja implausível, ocorrendo genuína ambiguidade):

- (46) “**Durante o nosso sono**, mexemo-nos [muitas vezes]_↓ e adoptamos a posição mais repousante e a menos dolorosa.”
(CETEMPúblico, ext299905-soc-92b-1)
- (47) “**Durante as três voltas de aquecimento que fazem antes de alinharem na grelha**, os pilotos puxam [muitas vezes]_↓ pelos seus motores, para ver se tudo está a funcionar bem.” (CETEMPúblico, ext51182-des-93a-2)
- (48) “**Após o furto**, os carros são [muitas vezes]_↑ desmontados e os componentes revendidos isoladamente (...).”
(CETEMPúblico, ext1057129-soc-98b-1)
- (49) “Tenho aversão por todas as máquinas. (...) **depois de me passarem os textos à máquina**, ainda emendo [muitas vezes]_{↑(↓)} (...).”
(CETEMPúblico, ext87425-clt-93b-1)
- (50) “(...) **nas entrevistas** refiro [muitas vezes]_{↑(↓)} nomes de compositores como o Michael Nyman ou o Philip Glass, (...) mas a minha música não tem rigorosamente nada a ver com o que eles fazem (...).”
(CETEMPúblico, ext165785-clt-95a-1)

6 Diversidade de adjuntos frequentativos envolvidos em ambiguidades de escopo (com orações com *quando* e adjuntos temporais afins)

Como salientam Swart (1993) e Doetjes (2007), há diversos tipos de adjuntos afins de *souvent* que não geram o tipo de ambiguidade que temos estado a considerar,

porque não podem ter escopo largo sobre os adjuntos temporais relevantes (e.g. orações com **quando** ou sintagmas como **aos domingos**).

Entre eles, destacam-se os quantificadores explícitos sobre situações não vagos, como **(pelo menos) três vezes** (cf. Doetjes, 2007, p. 705), os adjuntos de frequência em sentido estrito, como **três vezes por semana** (cf. Doetjes, 2007, p. 706), e os adjuntos de ciclicidade, como **de três em três dias**:

(51) Quando está em Paris, o Pedro vai [**pelo menos três vezes**]_↓ ao Louvre.

(52) Quando está em Paris, o Pedro vai [**três vezes por semana**]_↓ ao Louvre.

(53) Quando está em Paris, o Pedro vai [**de três em três dias**]_↓ ao Louvre.

Estes adjuntos não ocorrem, aliás, normalmente, nas posições pré-verbais que se associam ao escopo largo (sendo os de ciclicidade os que mais facilmente aceitam a posição pré-verbal, ainda que sem escopo largo – cf. e.g. **quando está em Paris, o Pedro {??pelo menos três vezes / ??três vezes por semana / de três em três dias} vai ao Louvre**).

Destacam-se ainda os adjuntos frequentativos universais (**sempre, quase sempre**) e os adjuntos de frequência elevada proporcional (**a maior parte das vezes, a maioria das vezes, geralmente, normalmente, por norma**), que, nas construções em apreço, têm sistematicamente escopo largo¹⁵. Este facto é notado na literatura para as

¹⁵ **Sempre** e **quase sempre**, com valor frequentativo, têm sempre escopo largo. Mas estas expressões têm ainda um segundo sentido – não frequentativo, antes estritamente temporal –, em se expressa a persistência de um estado, caso em que têm tipicamente escopo estreito, equivalendo a **(quase) permanentemente**: **quando está em Paris, o Pedro está sempre [= permanentemente] feliz; quando está a conduzir, o Pedro está sempre [= permanentemente] atento à estrada**. Em construções bioracionais com **quando**, os dois sentidos de **sempre** (frequentativo e temporal) não se conseguem facilmente distinguir, já que a leitura temporal (de escopo estreito) implica a leitura frequentativa (de escopo largo) – e.g. a verdade de **quando está em Paris, o Pedro está permanentemente feliz** implica a verdade de **sempre que está em Paris, o Pedro está feliz**. Já os dois sentidos com **quase sempre**, nestas mesmas construções, podem associar-se a ambiguidades, como em (i), sendo as duas leituras parafraseáveis por: “*ev_p* quase sempre que *ev_s*” (leitura de escopo largo, sendo **quase sempre** um adjunto

suas contrapartidas noutras línguas, nomeadamente no francês (cf. Swart, 1993, p. 25, 301-302).

(54) Quando está em Paris, o Pedro vai [(quase) sempre]_↑ ao Louvre.

(55) Quando está em Paris, o Pedro vai [normalmente]_↑ ao Louvre.

Estes adjuntos ocorrem também comumente, ainda que com restrições nalguns casos¹⁶, nas posições pré-verbais que asseguram o escopo largo – cf. e.g. **quando está em Paris, o Pedro quase sempre vai ao Louvre; normalmente, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre.**

Consideraremos nesta secção três outros tipos de adjuntos frequentativos ou afins deles, avaliando o seu comportamento relativamente às ambiguidades de escopo: **muito** adverbial, contrapartida do francês *beaucoup*, bastante discutido por Doetjes (2007); **por vezes** ou **às vezes**; **poucas vezes** ou **raramente**. Como veremos, o comportamento destes adjuntos em relação à questão em apreço varia consideravelmente.

frequentativo) *vs.* “*ev_s* implica [*ev_p* quase permanentemente]” (leitura de escopo estreito, sendo **quase sempre** um adjunto estritamente temporal):

- (i) O Pedro detesta conduzir. Quando está a conduzir, está [(quase sempre)]_{↑/↓} nervoso.
 – Leitura de escopo largo: “quase todas as vezes em que está a conduzir, está nervoso”;
 continuação plausível: **Só nas viagens de casa para o trabalho, que são muito curtas e a que já está habituado, é que vai relaxado.**
 – Leitura de escopo estreito: “quando está a conduzir, está quase permanentemente nervoso”,
 “passa o tempo quase todo em que está a conduzir nervoso”; continuação plausível: **Tem apenas períodos breves em que relaxa, quando não há carros próximos.**

¹⁶ Em português europeu, **sempre**, curiosamente ao contrário de **quase sempre** (ou de **muitas vezes**), não ocorre com valor frequentativo em posição pré-verbal (e.g. **quando está em Paris, o Pedro {quase sempre / *sempre} vai ao Louvre**). Esta restrição parece não afetar a variedade brasileira – cf. e.g. “Quando vai à [sic] uma festa de gala **sempre** vai atrás de sua estilista fiel, Janet Van Dyne.” (Corpus Brasileiro).

6.1 Ambiguidades de escopo com o quantificador adverbial *muito*

Importa começar por notar que, em certos contextos, nomeadamente quando há quantificação sobre situações atômicas (como ir ao cinema), *beaucoup* e *souvent* se comportam como expressões equivalentes, diferentemente do que acontece quando há quantificação sobre propriedades escalares (como apreciar um filme) – cf. e.g. Obenauer (1983, 1984), Doetjes (2007). Contraste-se a equivalência em (56) com a não equivalência em (57)¹⁷. O mesmo acontece em português com **muito** e **muitas vezes** , respetivamente, como se pode verificar nas traduções dessas duas frases.

(56) Sylvie va *beaucoup* [= *souvent*] au cinéma. (Doetjes, 2007, p. 685)

A Sylvie vai *muito* [= **muitas vezes**] ao cinema.

(57) Sylvie a *beaucoup* [≠ *souvent*] apprécie ce film. (Doetjes, 2007, p. 685)

A Sylvie apreciou **muito** [≠ **muitas vezes**] este filme.

Mas, segundo Doetjes (2007), no tipo de estruturas bioracionais que estamos a considerar, o quantificador *beaucoup* não gera equivalência plena a *souvent* , na medida em que não admite a leitura de escopo largo sobre a oração com *quand* , isto é, *beaucoup* – ao contrário de *souvent* – não é compatível, para a autora, com a leitura relacional – cf. (58). Ele parece acontecer com as contrapartidas portuguesas destas frases com **muitas vezes** e **muito** , pelo menos nas interpretações mais naturais, sendo a frase (59), com **muito** , interpretada normalmente como tendo escopo estreito – veja-se a avaliação das continuações desambiguadoras em (60).

¹⁷ Doetjes (2007, p. 695ss.) defende que, mesmo quando há equivalência entre frases com *beaucoup* e *souvent* , a análise e classificação destes adjuntos não é igual, sendo *souvent* sempre uma expressão frequentativa (“frequency adverb”, nos seus termos) e *beaucoup* sempre um quantificador escalar (“degree adverb”, nos seus termos). O que acontece é que quando *beaucoup* quantifica sobre predicados que identificam situações discretas, como **ir ao Louvre** , a interpretação composicional acaba por gerar um resultado equivalente.

- (58) Quand il est a Paris, Pierre va {[souvent]^{↑↓} / [beaucoup][↓]} au Louvre.
- (59) Quando está em Paris, o Pedro vai {[muitas vezes]^{↑↓} / [muito][↓]} ao Louvre.
- (60) Quando está em Paris, o Pedro vai *muito* – {**pelos menos duas ou três vezes** / ??(**ainda que**) **nem sempre**} – ao Louvre.

Esta incompatibilidade do quantificador adverbial português **muito** com a “leitura relacional” está em linha com a sua distribuição sintática, já que – ao contrário de **muitas vezes** – **muito** não ocorre em posições de claro escopo largo, como as posições pré-verbais referidas na secção 4 – cf. e.g. (26)-(28):

- (61) Quando está em Paris, {**muitas vezes** / ***muito**} o Pedro **vai** ao Louvre.
- (62) Quando está em Paris, o Pedro {**muitas vezes** / ***muito**} **vai** ao Louvre.
- (63) {**Muitas vezes** / ***Muito**}, quando está em Paris, o Pedro **vai** ao Louvre.

Porém, e muito curiosamente, não creio que em português exista uma incompatibilidade absoluta entre o quantificador adverbial **muito** e a chamada leitura relacional, parafraseável por “muitas vezes, quando ocorre X, ocorre Y”. Com efeito, frases que não admitem a leitura não relacional, isto é, que não permitem a leitura de eventos repetidos para cada instância da situação referida na frase com **quando** (e.g. por razões semântico-pragmáticas), não bloqueiam de forma categórica, na minha opinião, o uso de **muito**, embora ele possa associar-se a um registo algo informal¹⁸:

¹⁸ A combinação (também algo informal) de **muito** com expressões habituais (*ter muito o hábito de, costumar muito*), parece representar uma variante deste **muito** sem escopo estreito: (i) **quando se atrasa a entregar um relatório, o Pedro tem muito o hábito de se desculpar com a falta de tempo** (cf. (64)); (ii) “Sofá é bom, não atender o telefone (...). Fico a pensar, (...) é importante uma noite em que não se acende a televisão, apesar de que [tenho muito o hábito de ter a televisão ligada], faz-me companhia.” (CETEMPúblico, ext630053-clt-94b-1); (iii) “Com esta mesma senhora sucedeu-lhe um caso galante,

- (64) Quando se atrasa a entregar um relatório, o Pedro desculpa-se **muito** com a falta de tempo.
- (65) Eu sou um grande apaixonado por plantas. Quando tinha uma tarde livre, ia **muito** ao jardim botânico passear. Agora não o tenho feito.
- (66) O trânsito foi cortado na zona ribeirinha. Quando chove com intensidade, isso acontece **muito**.

Vejam-se dois exemplos deste uso de **muito** em texto jornalístico, português, em (67), e brasileiro, em (68):

- (67) “O seleccionador (...) manifestou-se desiludido com a primeira metade [do jogo]: «(...) quando tínhamos a oval, chutámos **muito**, o que não consigo compreender.»”
(CETEMPúblico, ext743362-des-98a-2)
- (68) “Quando se fala em grandes empreiteiras se associa **muito** às obras públicas e (...) à corrupção.” (NILC/São Carlos, par=Brasil--94b-2)

Deixo a investigação deste curioso uso de **muito** (equivalente a **muitas vezes** com escopo largo) para investigação posterior.

6.2 Ambiguidades de escopo com os adjuntos frequentativos às vezes e por vezes¹⁹

Vejamos agora os adjuntos frequentativos de baixa frequência, ou frequência esporádica, às vezes e por vezes. A ambiguidade também surge com estas expressões: “às vezes, ev_s coincide com ev_p ” (escopo largo) vs. “ ev_p ocorre esporadicamente no

porque [ela costumava muito divertir-se com ele e fazer-lhe várias perguntas].” (Linguateca Todos Juntos).

¹⁹ O adjunto **de vez em quando** parece não poder ter escopo largo, em linha com o que acontece no francês com *de temps en temps*, segundo Doetjes (2007, p. 713ss).

decorso de cada instância de *evs*” (escopo estreito). A última leitura, de escopo estreito, requer, naturalmente, que o intervalo definido pela oração com **quando** seja suficientemente vasto para integrar um padrão (de repetições esporádicas de situações do tipo descrito na oração principal) em cada uma das suas instâncias. Veja-se:

- (69) Este clube muda de divisão com alguma frequência. Quando joga na primeira divisão, a televisão transmite [às vezes][↑]/_↓ as suas conferências de imprensa.
- Leitura de escopo largo: “às vezes acontece (ainda que nem sempre) que, nos anos em que este clube joga na primeira divisão, a televisão transmite as suas conferências de imprensa”.
- Leitura de escopo estreito: “nos anos em que este clube joga na primeira divisão, a televisão transmite as suas conferências de imprensa de vez em quando (e.g. duas ou três durante o campeonato)”;
- esta leitura pode ser induzida pela adição de um outro adjunto frequentativo com escopo largo: [**normalmente**][↑], **quando (este clube) joga na primeira divisão, a televisão transmite [às vezes]**_↓ as suas conferências de imprensa.

Aplicam-se naturalmente as restrições semântico-pragmáticas descritas na secção 2. Se o intervalo não tiver a dimensão adequada à emergência do padrão de repetição, só há a leitura de escopo largo:

- (70) Quando chove muito, há [por vezes][↑] inundações nesta área.
- (71) Quando joga no Euromilhões, o Pedro tem [às vezes][↑] prémios grandes.

As *queries* no CETEMPúblico referidas em 4.2 geram 27 resultados relevantes com **às vezes** e **por vezes** pós-verbais. Em 24 deles, o adjunto tem – ou parece ter, na interpretação mais plausível – escopo largo, como em (72); só em 3 tem – ou parece ter – escopo estreito, ainda que num deles, transcrito em (73), a interpretação de escopo largo também seja plausível.

(72) “Quando viajava de avião, **levava** [por vezes]↑ as jóias dentro de um saco plástico.” (CETEMPúblico, ext659448-clt-95a-2)

(73) “Quando se assiste à cópia de uma gravação de vídeo **nota-se**, [por vezes]↓, uma instabilidade nas linhas verticais junto à parte superior da imagem (...).” (CETEMPúblico, ext369574-clt-93b-1)
[– Leitura de escopo estreito: a instabilidade não se nota permanentemente durante a visualização, mas apenas esporadicamente – cf. **quando se assiste à cópia de uma gravação de vídeo nota-se** [sempre]↑ [por vezes]↓ uma instabilidade...]

As mesmas *queries* geram ainda 136 resultados relevantes com **às vezes** e **por vezes** pós-verbais (tanto dentro da oração principal, como em (74), como em posição inicial absoluta na estrutura complexa, como em (75)), posição em que têm necessariamente escopo largo. Observa-se, pois, uma forte preferência pela posição pré-verbal com este tipo de adjuntos (que não se observa com e.g. **muitas vezes**).

(74) “Quando estou totalmente bloqueado, [por vezes]↑ **faço** a lista das coisas que me conduziram a esse impasse (...).”
(CETEMPúblico, ext637832-nd-91b-1)

(75) “[Por vezes]↑, quando começamos uma peça, **peço-lhes** que improvisem um pouco (...).” (CETEMPúblico, ext1215903-soc-98a-1)

6.3 Ambiguidades de escopo com os adjuntos frequentativos *poucas vezes* e *raramente*

Vejamos, para terminar, os adjuntos frequentativos de muito baixa frequência, **poucas vezes** e **raramente**, que apresentam algumas diferenças entre si.

Começemos com **poucas vezes**. Em primeiro lugar, destaca-se que este adjunto não tem um comportamento paralelo a **muitas vezes** e parece não aceitar a leitura de escopo largo quando ocorre em posição pós-verbal, não gerando, pois, ambiguidade como **muitas vezes**²⁰:

- (76) Quando está em Paris, o Pedro vai [**poucas vezes**]_↓ (*_↑) ao Louvre
(o que é de estranhar porque ele já restaurou muitas peças do museu e, por isso, esperava-se que, tendo a oportunidade, fosse lá muitas vezes).
– Leitura de escopo estreito: “Em cada uma das estadas do Pedro em Paris, as suas idas ao Louvre são poucas.”
– Leitura de escopo largo (não disponível com esta ordem de constituintes): “São poucas as vezes em que o Pedro está em Paris e vai ao Louvre.”

Quando ocorre em posição pré-verbal, como esperado, **poucas vezes** tem tipicamente escopo largo (comportando-se, neste aspeto, como **muitas vezes**)²¹.

- (77) Quando está em Paris, o Pedro [**poucas vezes**]_↑ **vai** ao Louvre.

²⁰ Observa-se uma grande diferença na frequência das expressões **muitas vezes** e **poucas vezes**. No CETEMPúblico, a primeira tem 11.179 registos, enquanto a segunda apenas tem 641 (isto é, é 17 vezes menos frequente).

²¹ Creio que em frases como (77), porém, **poucas vezes** imediatamente pré-verbal não bloqueia totalmente a leitura de escopo estreito, isto é, a equivalência a **quando está em Paris, o Pedro vai poucas vezes ao Louvre** (ainda que essa leitura possa ser algo marginal). Isso pode dever-se a que **poucas vezes** parece quantificar sobre situações em posição pré-verbal mais facilmente que **muitas vezes** (cf. n. 12).

- (78) Nesta cidade, quando chove, o trânsito [poucas vezes]↑ **flui** regularmente.
- (79) Quando vai trabalhar, a Ana [poucas vezes]↑ **chega** a casa cedo.
- (80) Quando a Ana vai trabalhar, [poucas vezes]↑ **chega** a casa cedo.

Porém, a construção com **poucas vezes** pré-verbal, como em (77)-(80), é porventura sentida como algo informal. As *queries* no CETEMPúblico referidas em 4.2 não geraram qualquer resultado relevante (ao contrário do que acontece com o adjunto afim **raramente**), atestando a baixíssima frequência da construção no registo jornalístico.

Adicionalmente, a ocorrência de **poucas vezes** em posição pré-verbal parece muito mais fortemente condicionada que a de **muitas vezes**. Creio que a única construção com **poucas vezes** pré-verbal que parece natural é pós-sujeito explícito (cf. (77)-(79) acima),²² ou com sujeito nulo (cf. (80) acima), na oração principal. Ao contrário de **muitas vezes**, este adjunto parece não ocorrer normalmente, por exemplo, no início da construção complexa, como em (81):

- (81) ??[Poucas vezes]↑, quando está em Paris, o Pedro vai ao Louvre.

Vejamos agora **raramente**. Este adjunto tem uma distribuição semelhante a **poucas vezes**, mas com algumas diferenças. A mais interessante é que **raramente** parece resistir fortemente à ocorrência em posição pós-verbal (ao contrário de **muitas vezes**, **frequentemente** e até **poucas vezes**) – cf. ?quando está em Paris, o Pedro vai

²² Na posição pré-sujeito explícito, a construção não parece muito natural – cf. ?Quando está em Paris, [poucas vezes]↑ o Pedro vai ao Louvre. Com **raramente**, acontece o mesmo, ainda que, nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico, tenha encontrado um excerto com **raramente** e a ordem em causa: “João Pinto tentava pegar no jogo, mas, quando o conseguia, [raramente] *Pringle e Donizete* estavam no sítio certo (...)” (CETEMPúblico, ext353891-des-96b-1).

[**raramente**]_↓ **ao Louvre**²³. Por isso, este adjunto também não se associa geralmente a ambiguidades de escopo do tipo que temos estado a considerar. As pesquisas no CETEMPúblico estão em linha com esta observação. Elas geraram 36 resultados relevantes com **raramente**, sempre em posição pré-verbal e sempre com escopo largo²⁴:

- (82) “Quando os militares tomam o poder em África [**raramente**]_↑ o **querem** abandonar (...)” (CETEMPúblico, ext577244-pol-92a-1)
- (83) “Bernhard Langer, quando se encontra numa boa posição para vencer um torneio, [**raramente**]_↑ **desperdiça** a oportunidade de o fazer.” (CETEMPúblico, ext1216582-des-95a-1)
- (84) “Cash [**raramente**]_↑ **desilude** quando entra em estúdio.” (CETEMPúblico, ext896856-clt-94b-1)

7 Considerações finais

Neste trabalho, explorou-se a ocorrência de ambiguidades de escopo entre adjuntos frequentativos e adjuntos temporais em português, adaptando e alargando as discussões na literatura acerca de expressões afins noutras línguas. O destaque foi para a interação entre adjuntos frequentativos do tipo de **muitas vezes** e orações subordinadas temporais introduzidas por **quando**, em frases ambíguas como **quando está em Paris, o Pedro vai muitas vezes ao Louvre**. Foram explorados os fatores semântico-pragmáticos, por um lado, e estritamente sintáticos (de ordenação de constituintes), por outro, que condicionam a emergência das ambiguidades de escopo envolvendo estes dois tipos de adjuntos. O elenco de adjuntos que participam neste

²³ Veja-se ainda a agramaticalidade que resulta de substituir, nos excertos (82)-(84), **raramente o querem** por ***o querem raramente**, **raramente desperdiça** por ***desperdiça raramente**, ou **raramente desilude** por ***desilude raramente**.

²⁴ Como referi na nota 21, **poucas vezes** não parece totalmente incompatível com escopo estreito, mesmo em posição (imediatamente) pré-verbal; o mesmo se aplica, *mutatis mutandis*, a **raramente** – cf. e.g. **quando joga na segunda divisão, este clube [poucas vezes / raramente]_↓ dá conferências de imprensa; dá uma ou duas no máximo durante o campeonato**.

tipo de ambiguidades foi ainda alargado, com abundante ilustração de dados de *corpora*; mais concretamente, discutiu-se: (i) o grupo de adjuntos temporais que (além das orações com **quando**) potenciam a ambiguidade em português – e.g. expressões oracionais ou não oracionais com quantificação universal implícita, como **depois de terminarem as aulas, aos domingos ou durante as campanhas eleitorais** (em contraste com os adjuntos com quantificação universal explícita, como **todos os domingos ou durante todas as campanhas eleitorais**); (ii) o grupo de adjuntos frequentativos que (além de **muitas vezes** ou **frequentemente**) potenciam a ambiguidade em português – e.g. expressões como **às vezes** e **por vezes** (em contraste com, a não ser em certos registos, **muito** ou **poucas vezes** e **raramente**).

Financiamento

Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com verbas do projeto estratégico UIDB/00214: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Referências

- DOETJES, J. Adverbs and quantification: Degrees versus frequency. *Lingua*, 117, p. 685-720, 2007. DOI <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2006.04.003>
- HINRICHS, E. Temporal anaphora in discourses of English. *Linguistics and Philosophy*, 9, p. 63-82, 1986. DOI <https://doi.org/10.1007/BF00627435>
- KAMP, H.; REYLE, U. **From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory**. Dordrecht: Kluwer, 1993. DOI <https://doi.org/10.1007/978-94-017-1616-1>
- KRATZER, A. Stage-level and individual-level predicates. *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics*, vol. 15, article 10, 1989. Available at: <https://scholarworks.umass.edu/umop/vol15/iss2/10>
- LEWIS, D. Adverbs of quantification. In: KEENAN, E. (ed.). **Formal semantics of natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. p. 3-15. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511897696.003>

MOENS, M. **Tense, Aspect and Temporal Reference**. Dissertação de Doutorado, University of Edinburgh, 1987.

MÓIA, T. **Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English**. Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2000.

OBENAUER, H.-G. Une quantification non-canonique: la «quantification à distance». **Langue française**, 58, p. 66-88, 1983. DOI <https://doi.org/10.3406/lfr.1983.6415>

OBENAUER, H.-G. On the identification of empty categories. **The Linguistic Review**, 4, p. 153-202, , 1984. DOI <https://doi.org/10.1515/tlir.1985.4.2.153>

SWART, H de. **Adverbs of Quantification. A Generalized Quantifier Approach**. Londres: Garland Publishing, Inc., 1993.

Corpora consultados

[CETEMPúblico] Corpus CETEMPúblico 2.0 v. 12.4,
<http://www.linguateca.pt/ACDC/> (último acesso em 26.11.2024)

[Corpus Brasileiro] Corpus Brasileiro v. 8.0, <http://www.linguateca.pt/ACDC/>
(último acesso em 07.05.2025)

[Linguateca Todos Juntos] conjunto de todos os *corpora* disponíveis em
<http://www.linguateca.pt/ACDC/> (último acesso em 26.11.2024)

[NILC/São Carlos] Corpus Vercial v. 15.3, <http://www.linguateca.pt/ACDC/> (último acesso em 26.11.2024)